

# Políticas de preservação para acervos arqueológicos

Rafaela Nunes Ramos<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** Este estudo procura evidenciar que os vestígios culturais humanos são documentos fundamentais no desenvolvimento da pesquisa arqueológica e museológica, bem como são ferramentas de estudo importantes para o entendimento da história. A partir desta constatação, demonstra-se a necessidade da aplicação de metodologias de gestão de acervos estruturadas de forma apropriada para proporcionar a preservação desses remanescentes arqueológicos, dessas fontes de pesquisa em potencial. Desta forma, este trabalho apresenta as políticas de preservação direcionadas ao acervo e à documentação arqueológica salvaguardados no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/ UFPel).

**PALAVRAS-CHAVE:** *Arqueologia, cultura material, gerenciamento de acervos.*

---

**ABSTRACT:** This study aims to demonstrate that human cultural remains are key documents for the development of archaeological and museum researches, this objects are also important to the understanding of history. Within this context, it's demonstrated the need to apply structured collections management methodologies to provide archaeological remains preservation. Therefore, this paper presents the preservation policies that are used on the archeological collection and it's documentation, which are safeguarded at the Laboratory of Teaching and Research in Anthropology and Archaeology at the Federal University of Pelotas (LEPAARQ / UFPel).

**KEY-WORDS:** *Archaeology, cultural material, management of collections.*

## Introdução

A cultura material sempre esteve presente na história da humanidade, sempre fez parte da dinâmica social dos diferentes

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil; e mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela mesma universidade; bem como pesquisadora associada ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/ UFPel), Brasil.

grupos humanos, portanto são indispensáveis à construção do conhecimento arqueológico, histórico e à gestão de coleções em museus.

Segundo Meneses (1983), entende-se como vestígios culturais os segmentos do meio físico que são socialmente apropriados pelo homem. Os indivíduos interveem e modelam os recursos naturais segundo propósitos e normas culturais. Ainda a partir desse autor, afirma-se que essa ação não é aleatória, ocorre conforme certos padrões culturais, e nesse contexto se incluem os artefatos, as construções civis, as modificações da paisagem, as cerimônias simbólicas e ritualísticas, assim como o próprio corpo, já que este é passível de vários tipos de manipulações.

Os remanescentes culturais vinculados às pessoas possuem, além das propriedades inerentes da natureza, um valor pragmático (o valor de uso do material), e um valor imaterial, ou simbólico (Ramos, 2010). No entanto, não existe uma oposição entre os elementos materiais e imateriais da cultura material, não se pode separá-los, “a cultura refere-se, a um só tempo, ao mundo material e espiritual” (Funari, 2006, p. 13).

As representações culturais não são apenas produtos humanos, mas sim vetores de relações sociais. As pessoas vivem em um mundo de coisas materiais indispensáveis para a sobrevivência social, biológica e psíquica, a cultura material participa decisivamente na produção e reprodução social (Meneses, 1994), a partir dela entendemos o complexo fenômeno da apropriação de segmentos da natureza física (Meneses, 1983 *apud* Meneses, 1994). Desta maneira, admite-se que sendo esta forjada, concebida, materializada, e utilizada entre os grupos sociais, ela pode ser lida para a compreensão do desenvolvimento das regras culturais desses grupos (Funari; Carvalho, 2009). Nessa perspectiva, admite-se a sua grande importância como fonte de pesquisa para as ciências humanas.

Em vista desta questão, pode-se afirmar que a cultura material é documento histórico e, por consequência disso, faz-se

necessário a sua preservação. Os objetos são verdadeiros suportes de significação, são veículos de informações que geram conhecimento (Ferrez, 1994). Esse conhecimento pode ser desencadeado através de pesquisas desenvolvidas por diferentes áreas científicas, como por exemplo, as pesquisas arqueológicas e museológicas, as quais estão, de certa forma, vinculadas à história.

A arqueologia vincula-se à antropologia e faz parte da história, compreende o gênero humano, constitui uma disciplina humanística, e como se ocupa do passado do homem, é uma disciplina histórica (Renfrew; Bahn, 1993). Percebe-se o vínculo entre a arqueologia e a história tendo em vista que “a arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico” (Funari, 2006, p.15).

Para a museologia, os objetos culturais são também as principais ferramentas de trabalho. Esse campo de investigação tem o museu como um lugar de memória, uma “instituição voltada para a comunicação do patrimônio cultural preservado” (Cury, 2005, p. 366) e a cultura material como “vetor de conhecimento, comunicação e de construção de significados culturais” (Cury, 2005, p. 367).

Partindo destas constatações iniciais, torna-se evidente a relevância da utilização de métodos para a preservação da cultura material, e de suas informações, tendo em vista que ela é carregada de sentido memorial, é responsável não apenas pelo desenvolvimento de estudos arqueológicos e museológicos, mas também pela constituição do patrimônio histórico e cultural.

### **Metodologias de Gestão**

A instituição LEPAARQ/UFPel, assim como todas as instituições arqueológicas, possui algumas políticas de preservação

direcionadas ao acervo arqueológico e a documentação vinculada a este.

As constantes intervenções arqueológicas influenciam muito na gestão dos acervos originados por meio destes trabalhos, bem como do acervo geral do laboratório, visto que, a reserva técnica está em constante crescimento e, conseqüentemente, aumentam as demandas e também as dificuldades de administrar o acervo arqueológico. Vejamos a seguir uma breve descrição de como se desenvolvem as políticas de gestão de acervos na instituição em questão:

### **Nomenclatura dos Sítios Arqueológicos**

Os sítios arqueológicos têm seus nomes compostos em duas partes, uma parte relativa aos principais limites geográficos circundantes aos sítios (neste caso os recursos hídricos) e outra mais convencional (a forma como a localidade do sítio é conhecida). Para demonstrar a formação da nomenclatura formal, vejamos o exemplo do sítio PSGPe-01 Casa 8<sup>2</sup>, derivada dos corpos hídricos no entorno do sítio: Laguna dos Patos, Canal São Gonçalo e Arroio Pepino (FIGURA 01).

### **Número de Catálogo**

Para a identificação tanto dos sítios como das doações feitas ao laboratório existe o número de catálogo. Esse número é estipulado pela ordem dos sítios trabalhados e às doações realizadas. O catálogo numero 1, por exemplo, foi atribuído à primeira doação feita ao LEPAARQ por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, e a partir de então, os números de catálogos foram aumentando de acordo com as doações e os trabalhos arqueológicos de campo.

---

<sup>2</sup> Este sítio encontra-se no centro histórico de Pelotas.

Até a presente data, há uma média de 100 catálogos registrados no laboratório. Cada sítio e cada doação possui um número de catálogo correspondente, contudo, pode haver a possibilidade de um único sítio conter mais de um número de catálogo, em vista que, o número é estipulado pela campanha da intervenção arqueológica. Como exemplo, pode-se verificar isso no sítio PSGPe-03 Praça cel. Pedro Osório, o qual possui quatro números de catálogos distintos (Cat. 25 para a campanha 2003, Cat. 27 para a campanha 2004, Cat. 32 para a campanha 2005 e Cat. 36 para a campanha 2006).

### **Livros Tombo**

Quando um sítio arqueológico é identificado e vai sofrer algum tipo de intervenção, ele é registrado em um livro tomo denominado *Livro de Registro de Sítios e Doações*. Neste livro são registradas algumas informações referentes ao sítio a ser trabalhado, como o nome do sítio, código, local, município, tipo de sítio (histórico ou pré-histórico), data da campanha, bem como observações. São registradas nesse livro também as doações que são realizadas ao laboratório, mediante a assinatura de um termo de doação. Assim que o material arqueológico chega ao laboratório após o trabalho de campo, ou quando uma doação é realizada, imediatamente é atribuído um número de catálogo para esse material em outro livro chamado de *Livro de Catálogo*. Neste livro os dados contidos são basicamente as mesmas do *Livro de Registro de Sítios e Doações*, porém com algumas informações a mais, o número de catálogo e algumas outras observações relacionadas ao material arqueológico.

### **Inventário**

O processo de inventário de peças e documentos é empregado por variadas instituições, sejam instituições

arqueológicas, museus ou arquivos em geral. Qualquer instituição que possuir uma reserva técnica utiliza-se da constituição de inventários.

O inventário dos vestígios arqueológicos pertencentes ao acervo do LEPAARQ é composto por uma junção de três números de identificação. Esses números são inscritos nas próprias peças (FIGURA 02) e correspondem às informações contextuais dos objetos, isto é, o número de catálogo, o número correspondente à área de escavação onde o material foi encontrado e por fim o número da peça em si (dentro de determinado catálogo).

Utiliza-se para a aplicação dos números nos materiais uma camada de esmalte incolor em um local que não prejudique a análise posterior da peça. Assim que o esmalte seca, são aplicados os números com caneta nanquim preta ou branca, dependendo da coloração do material. Todavia, alguns objetos não têm os números inscritos em sua superfície. Isso, no caso de materiais muito pequenos ou com formas que impossibilitem essa ação. Sendo assim, o número de inventário é escrito na etiqueta que posteriormente será adicionada ao vestígio na hora da sua guarda.

O caso aqui abordado, ou seja, a forma de inventariar é padrão do LEPAARQ. Cada instituição possui critérios diversos para o inventário, no laboratório de arqueologia da UFPel, faz-se uso do sistema dos três números já apontados, pois tem esse método como uma forma de preservação das informações de localização das peças.

### **Organização da Reserva Técnica**

De forma geral, a gestão do acervo é processada da seguinte maneira: após serem feitos os devidos registros de procedência do material, este passa pelo processo de higienização, inventário, acondicionamento e registro, em um banco de dados adaptado à informática, das informações geradas no decorrer dessas atividades.

A organização das peças começa a partir da elaboração de fichas de descrições básicas dos materiais denominadas *ficha de registro de inventário*<sup>3</sup> (FIGURA 03), nas quais são informados dados específicos dos objetos. Essas fichas também servem, posteriormente, como base para a inclusão de informações no banco de dados digital.

Depois da criação das fichas, os processos que envolvem o gerenciamento do acervo acontecem de forma concomitante. O primeiro passo consiste na retirada do material, que ainda não tenha passado pelos devidos processos curatoriais, da caixa onde ele estava acondicionado. Em seguida, é realizado o preenchimento das fichas, onde são relatadas, além das informações dos materiais, a futura localização destes dentro da reserva técnica. Ter acesso à localização exata dos materiais na reserva é um dos principais objetivos dessa operação, pois esse tipo de informação é essencial quando o pesquisador faz uso dos objetos como fonte para a sua pesquisa. “A surpresa de solicitar uma caixa e depois descobrir que o conteúdo não condiz com a identificação do rótulo e do instrumento de pesquisa não costuma ser incomum” (Bacellar, 2006, p. 53). Quando temos disponível a localização certa dos componentes do acervo, a pesquisa é menos desgastante, e ao mesmo tempo os objetos estão sendo preservados, já que, assim não haverá a necessidade de procurá-los vasculhando a reserva técnica e manuseando muitos materiais em busca do seu objeto de pesquisa.

Posteriormente, o material é embalado novamente, e aqueles que não possuíam etiquetas de identificação (FIGURA 04) as têm adicionadas aos seus invólucros. Então esses objetos são reacondicionados em uma nova caixa arquivo de cor branca, nas quais são fixadas etiquetas padrão de identificação na sua lombada (FIGURA 05-A), e regressam à reserva técnica (FIGURA 05-B).

---

<sup>3</sup> Basicamente utiliza-se apenas um tipo de ficha de registro de inventário, porém esta é passível de adaptações dependendo do material que está sendo trabalhado, e de sua procedência.

Assim que o material é acondicionado na reserva técnica, as fichas de registro de inventário são digitalizadas e impressas (FIGURA 06) a fim de serem arquivadas.

Essa documentação também é arquivada em suporte digital, para depois servir de base para o processamento de dados no software de gestão digital.

A documentação arqueológica exerce um papel fundamental na gestão dos acervos.

*A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar (...) as coleções dos museus de fontes de informações em fonte de pesquisa científica (...) (Ferrez, 1994, p. 65).*

A etapa final do gerenciamento do material de determinado catálogo se verifica quando todas as informações geradas com esse processo são digitalizadas no banco de dados do acervo.

### **Banco de Dados Digital - PGAArq (Programa para o Gerenciamento de Acervo Arqueológico).**

Esta ferramenta metodológica (FIGURA 07) de gestão tem como principal função a organização e a gestão das informações relativas ao material arqueológico sob a guarda do laboratório. O Software foi desenvolvido em parceria com a empresa de consultoria ANPH, adaptando “o sistema documental às exigências da linguagem informatizada” (Bottallo, 1998, p. 263), com a

intenção de, futuramente, disponibilizar a consulta de dados referentes ao acervo arqueológico via internet.

*O iniciar de uma pesquisa exige a localização de fontes. De modo geral, é preciso verificar, ao se propor um tema qualquer, quais conjuntos documentais poderiam ser investigados em busca de dados. Poucas são as instituições arquivísticas, a exemplo do Arquivo Nacional, onde uma observação básica e preliminar pode ser realizada via internet, sugerindo possibilidades por meio da consulta das palavras chave e datas. A maioria dos arquivos públicos pouco disponibiliza via rede, tornando necessário o deslocamento físico (Bacellar, 2006, p.51).*

A instituição LEPAARQ/UFPel conta com um acervo bastante representativo, o que acabou exigindo o desenvolvimento de um programa de gestão que possibilitasse, ao mesmo tempo, armazenar dados e os dispor com rapidez e facilidade. Esse programa permite que os dados relativos tanto aos sítios, quanto às doações, bem como ao acervo arqueológico, sejam armazenados de forma padronizada (sistematizada), permitindo, assim, a disponibilização de relatórios completos a qualquer momento.

O programa permite, basicamente, o registro de sítios arqueológicos com base nos formulários do IPHAN; registro de doação de material arqueológico; inventário de peças arqueológicas em formulários específicos; controle da reserva técnica com localização de peças por caixa; controle da movimentação do acervo arqueológico; cruzamento de dados com geração de tabelas e

gráficos; consulta de dados; entre outras funções<sup>4</sup> (Ramos *et al.*, 2007). Além de reunir e preservar dados, o programa agiliza a troca e a recuperação de informações para fins de pesquisa e curadoria de exposições museológicas.

### Considerações Finais

Por meio do presente trabalho procurou-se demonstrar que, uma vez que, a cultura material é essencial para o entendimento da arqueologia, da museologia, e também da história, ela, como documento histórico, necessita passar por processos de gestão apropriados para a sua preservação. Assim como as fontes escritas, visuais, audiovisuais, etc., são organizadas e arquivadas, bem como são utilizadas como fontes para pesquisas históricas, os vestígios arqueológicos também devem ter os mesmos cuidados, e ser aproveitados da mesma forma.

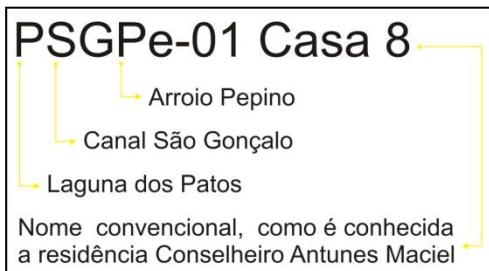
Desta maneira, evidencia-se a importância da utilização de métodos de gestão de acervos bem estruturados e padronizados que permitam a preservação dos vestígios arqueológicos que compõem a reserva técnica do laboratório, um acervo que remonta às pesquisas desenvolvidas ao longo dos últimos 11 anos (no município de Pelotas e região) e às doações realizadas à instituição desde a sua criação, e o qual encontra-se em processo de análise e organização.

Conclui-se, então, que a decisão pelos tipos de metodologias destinadas à gestão de acervos arqueológicos descritas neste estudo, é fundamental para a preservação do acervo arqueológico sob a guarda do LEPAARQ.

---

<sup>4</sup> Em relação às etapas de funcionamento do programa, ver detalhes em Ramos (2010).

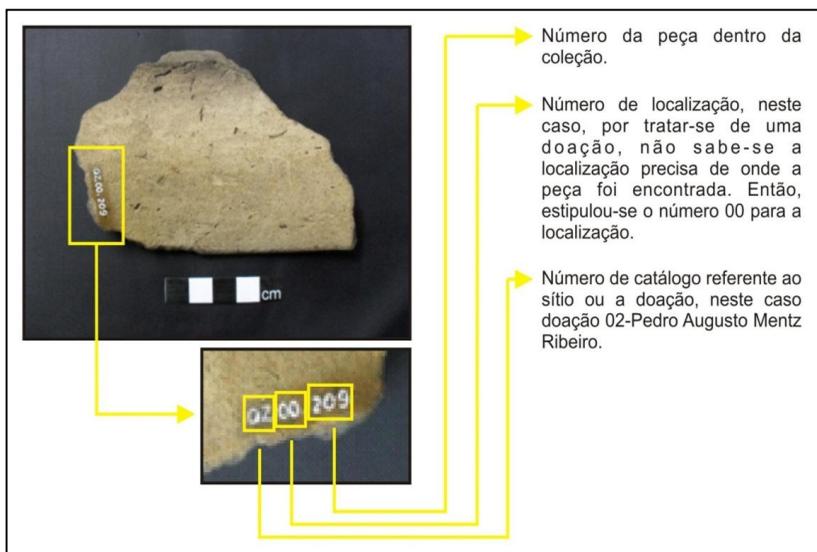
## Figuras



**Figura 01**

Esquema ilustrativo da nomenclatura dos sítios arqueológicos.

Fonte: Ramos (2010)



**Figura 02**

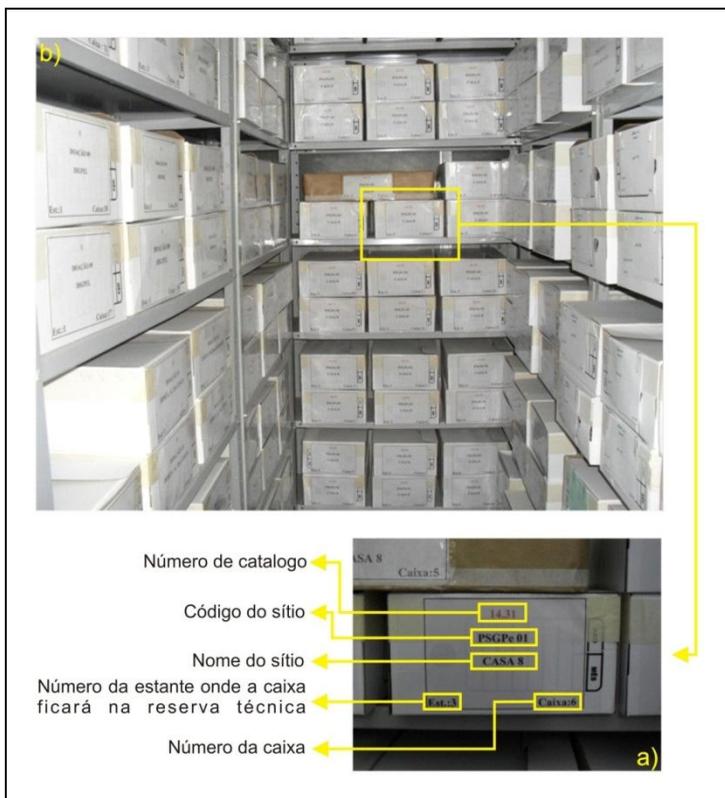
Esquema ilustrativo da metodologia utilizada para o inventário das peças. Fragmento de cerâmica indígena Guarani.

Fonte: Ramos (2010)



Sítio:	Nº da peça:
Quadrícula:	Norte:
Nível:	Leste:
Data:	Altura:
Local:	Observações:
Registrado por:	
LEPAARQ - LABORATÓRIO DE ENS. E PÉSQ. EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA-ICH/UFPEI	

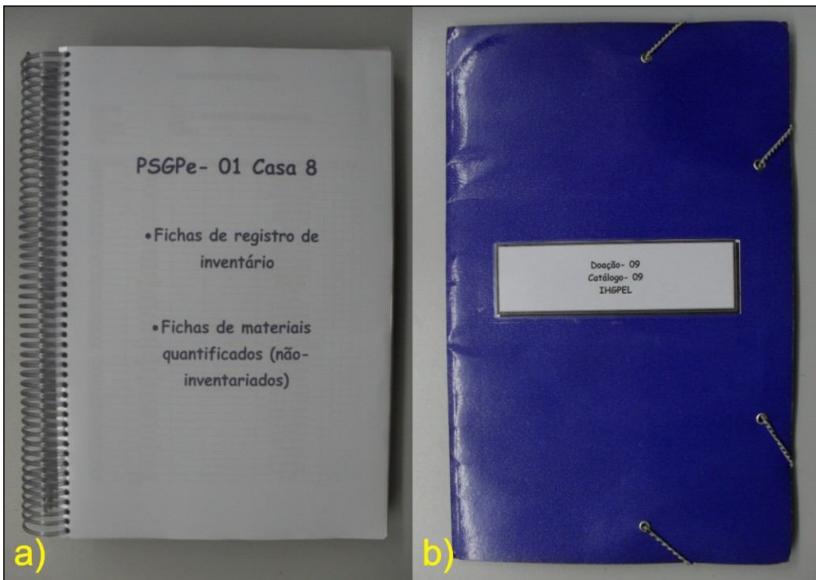
Figura 04  
Etiqueta de  
identificação  
padrão do  
LEPAARO<sup>5</sup>.



<sup>5</sup> Esta etiqueta é adicionada ao saco onde o material arqueológico é acondicionado assim que ele é retirado do solo. Depois que o material passa pelos processos de limpeza e inventário, essa etiqueta é refeita e continua acondicionada com os objetos quando estes são guardados na reserva técnica.

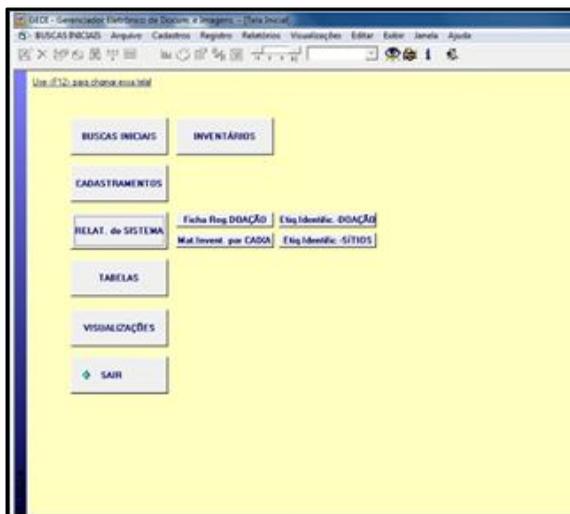
**Figura 05** (pág. anterior)

Caixa de arquivo nova onde o material arqueológico fica acondicionado na reserva técnica (a). Parte da reserva onde estão os objetos que já passaram pelo processo de reorganização do acervo (b). Fonte: Ramos (2010)



**Figura 06**

Fichas de registro de inventário referentes ao sítio PSGPe-01 Casa 8 (a) e à doação 09 IHGPEL (b). Fonte: Ramos (2010)



**Figura 07**  
Janela inicial do banco de dados adaptado à informática<sup>6</sup>.

## Bibliografia

- BACELLAR, C. Fontes documentais: Uso e Mau Uso dos Arquivos. In: *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-79.
- BOTTALLO, M. As Coleções de Arqueologia Pré-Colonial Brasileira do MAE/USP: Um exercício de Documentação Museológica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.8, p.257-268, 1998.
- CURY, M. Comunicação e pesquisa de recepção: Uma perspectiva teórico- metodológico para os museus. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v.12 (suplemento), p.365-380, 2005.
- FERREZ, H. D. Documentação Museológica: Teoria para uma boa Prática. *Cadernos de Ensaio: Estudos de Museologia*, Rio de Janeiro: Mic. IPHAN, n.2, p.64-74, 1994.
- FUNARI, P. P.. *Arqueologia*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>6</sup> O layout deste software já sofreu algumas adaptações, esta é a versão que está sendo utilizada atualmente. Porém essas adaptações não interferem no seu funcionamento.

- FUNARI, P. P.; CARVALHO, A. V. Cultura material e patrimônio científico: discussões atuais. In: II Seminário Internacional - Cultura Material e Patrimônio da Ciência e da Tecnologia - Mast, 2009, Rio de Janeiro. Cultura Material e Patrimônio da Ciência e da Tecnologia. Rio de Janeiro : MAST, 2009. v. 1. p. 1-13.
- MENESES, U. T. A Cultura Material no Estuda das Sociedades Antigas. *Revista de História*, São Paulo, n.115, p.103-117, 1983.
- MENESES, U. T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do museu Paulista*, São Paulo, v.2, n. ser, p.9-42, jan./dez. 1994.
- RAMOS, R. N. Gestão, Preservação e Informação: Uma Proposta Digital para o Gerenciamento do Acervo Arqueológico do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARO) da Universidade Federal de Pelotas. 2010. 59f. Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
- RAMOS, R. N.; PEIXOTO, L.; ZORZI, M. PGAARQ-Programa de Gerenciamento de Acervo Arqueológico. In: *Anais do I Congresso Internacional da SAB, XIV Congresso da SAB, III Encontro Nacional do IPHAN e Arqueólogos*. Florianópolis: UFSC, 2007. p. 223-224.
- RENFREW, C.; BAHN, P. *Arqueologia: teorias, métodos y prática*. Madrid: Akal,1993.

Recebido em: 28/06/2011

Aprovado em: 23/10/2011

Publicado em: 06/12/2011